

A Pandemia e uma Nova Ordem Mundial – o Papel da China

Os Tópicos que irei abordar

WEBINAR

Universidade Lusófona do Porto

Maio 2020

Jose Duarte de Jesus

duarte.jesus@sapo.pt

Uma brevíssima apresentação do meu “background”

- **O meu background académico;** Lic. Historia e Filosofia, equiv. Mestrado em Lógica Matemática, Doutorado em Relações Internacionais.
- **O meu background profissional:** Como diplomata estive em Rabat, Bonn, Lille, U.E. Praga e como Embaixador residente em Kinshasa, acreditado em Brazzaville, Ruanda e Burundi e Bangui, depois em Pequim, Ulan Bator, Pyongyang e Otava. Depois de jubilado tenho sido docente convidado em varias universidades, atualmente na Un. Nova. Investigador no IPRI(Nova) e no IO(ISCSP)
- Livros publicados nos últimos anos: 2019, *Dona Beatriz Kimpa Vita*, Chiado Publishers; 2018, *Coreia do Norte, a ultima dinastia Kim*, Edições 70; 2016, *Eduardo Mondlane, hope destroyed*, CSIP, South Carolina; 2015, *Espionagem e Contraespionagem em Portugal*, Edições 70; 2013, *Os Relatórios Confidenciais do EM do Exercito para o CEMGFA, de novembro de 1974 a junho de 1975*, Almedina; 2012, *A Guerra Secreta de Salazar em Africa – a Aginter Press*, Dom Quixote.

Antes de abordar o tema proposto

- Gostava de lembrar o que Kissinger escreveu em 2014:
- ***Os Estados Unidos e a China são ambos pilares indispensáveis para a Ordem Mundial (do sec.XXI) ...A China não tem precedente para o papel que é chamada a desempenhar na Ordem Mundial do sec. XXI, enquanto uma grande potência entre outras. Também os Estados Unidos não têm experiência de interagir numa base sustentável com um país de tal grandeza, riqueza e desenvolvimento económico, embora ambos com modelos distintos de ordem interna”***
- Comentar e comparar esta visão com o momento atual.

A Pandemia e a Ordem Mundial

- **O Impacto desta Pandemia na Ordem Mundial** – nas Ordens Regionais – na Ásia (ASEAN etc.) - na U.E - em Africa - nas Relações inter-regionais – nas Relações entre as grandes potencias
- Qual a Ordem Mundial atual – ou a Desordem Mundial atual.
- Os efeitos económicos e financeiros globais. Como esses efeitos se vão repercutir diferentemente nas diversas sociedades – na Europa, na América do Norte, na América do Sul, em Africa, no Medio e Extremo Oriente.
- O impacto da Pandemia na problemática da Geoestratégia mundial.

Elementos geopolíticos da Pandemia

- Duma maneira geral, pode-se definir uma Ordem Mundial a partir do conceito de “Balance of Powers”, mais facilmente aplicável a uma Ordem Mundial europeia até ao século XX.
- A partir de meados do século XX, começa a surgir um paradigma bipolar e com a nova natureza da globalização, uma Ordem Mundial mais global; vejam-se os reflexos desta bipolarização nas independências dos novos países africanos.
- A racionalização destas Ordens Mundiais encontra um instrumento útil de análise na Teoria dos Jogos, que se tem desenvolvido a partir da sua velha teorização de von Neumann e de Morgenstern, na década de 40 do século XX.
- No paradigma atual da Pandemia, a polarização faz-se entre a humanidade e um jogador invisível, um vírus, que não tem uma estratégia e que por isso não conhece as regras do jogo que jogamos.
- Neste novo jogo, se o queremos ganhar, só nos resta uma única estratégia - a união da humanidade sem diferenciação política ou outra.
- Infelizmente, estamos a assistir em muitas partes à decadência do multilateralismo, que é o instrumento base neste jogo, e ao renascer dos nacionalismos.

Alguns dos Perigos indiretos que se antolham

- Para além dos perigos económicos e sociais mais visíveis, merecem aqui uma ponderação mais elaborada os perigos indiretos a que assistimos e que são em grande parte motivados pela **IGNORÂNCIA**
- **IGNORÂNCIA** especialmente histórica aliada a um clima emocional, com respetiva perda de poder crítico, que leva facilmente ao **IRRACIONALISMO**. Esse Irracionalismo pode obviamente ser aproveitado *racionalmente* por quem queira manipular a opinião pública generalizada. Este facto leva facilmente a
- **RADICALISMOS**. As formas que este conjunto pode encarnar tanto a nível nacional, nas extremas direitas, como a nível internacional pode levar a perigosas implicações geoestratégicas mundiais.
- **É o caos a instalar-se entre as Nações, é a Diplomacia e o Diálogo a desaparecerem e assim a comprometer a Paz e paralisar a Ordem Mundial para encontrar soluções possíveis para a Pandemia e agudizar as normais consequências desta.**

Neste novo Paradigma: EUA e China

- Uma das consequências mais graves a que estamos a assistir é o surto nacionalista irracional por parte de um dos polos do poder mundial: pelos EUA, seguido com pequenas explosões noutras regiões, designadamente na Europa e no Medio Oriente.
- Como dizia recentemente um comentador irlandês: os EUA sempre foram alvo, por parte de outras comunidades, de ódio ou de paixão, mas nunca de piedade como estamos a assistir agora.
- A queda gradual da que tem sido a Primeira Potência mundial, face à crise da Pandemia, aliada à ausência ou à estranha estratégia mundial da sua atual política externa é altamente ameaçadora para a construção duma nova Ordem Mundial.
- Felizmente, que por parte da Segunda Potência Mundial, da China, assistimos a uma forte aposta no multilateralismo por parte da sua atual liderança, através da sua política externa, designadamente, mas não só, do programa OBOR ou da Nova Rota da Seda.
- Parece evidente, que a sociedade chinesa com o seu “*socialismo com características chinesas*”, na definição de Deng Xiao Ping, face à sociedade americana, neoliberal com uma gestão política desastrosa, se sairia melhor na gestão desta Pandemia.

A ignorância e as atitudes anti China

- Mas a crise entre estas duas potências transcende este facto e baseia-se numa guerra comercial anterior à Pandemia.
- O analista Paul Krugmann dizia há poucos dias que a política americana fazia antever, na melhor das hipóteses, um novo paradigma de guerra fria, com tudo o que ela pode trazer de focos de tensão em África, no Médio Oriente, etc. Esta opinião foi corroborada pelo MNE chinês.
- Vimos, recentemente, uma analista portuguesa apontar, num seu comentário, para o perigo hegemónico da China, que quer dominar o mundo. A histeria coletiva com os seus arautos ameaçam o futuro, lançando fundamentos de uma possível Ordem Mundial que a racionalidade procura afastar.
- Um alto responsável militar americano previa há pouco uma nova Ordem Mundial estruturada pela China/Irão/Rússia. A loucura contamina quase todos.
- O desconhecimento total de alguns pilares da história e cultura milenar da China, utilizado por políticos irresponsáveis e forças extremistas dificilmente controláveis, estão na origem duma segunda Pandemia, pós Covid 19. É fundamental lembrar que esta segunda Pandemia pode ser controlável e cabe, em grande parte, aos meios epistémicos contribuir para isso.

Quem não cometeu erros no início desta Pandemia?

- A politização desta pandemia por parte da Presidência americana é não só lastimável como ridícula.
- Dar uma nacionalidade a um vírus como Trump faz, quando lhe chama “o vírus chinês” é triste. Quantos países não subestimaram a gravidade deste vírus na sua fase inicial? A China cometeu certamente também erros nessa fase, subestimando o perigo do novo vírus, como, de resto, Trump.
- Se devêssemos procurar fazer a China pagar por esses erros, como deveríamos então agir face à política desastrosa de Trump para combater a Pandemia?
- É fundamental não deixarmos que a emoção, a ignorância e a estupidez guiem a nossa conduta individual e coletiva, numa fase extremamente perigosa para toda a humanidade, em todos os continentes.
- É imperioso que uma nova Ordem Mundial encontre a sua base, na inteligência, no humanismo, no diálogo e na paz.

A - Vejamos alguns exemplos da tradição de *softpower* na política externa chinesa

- Gostava de lembrar aqui três episódios da história da China que definem esta sua tradição milenar:
- **1** – A forma como se estabeleceu a terceira, mas a primeira Dinastia verdadeiramente histórica da China – a Dinastia Zhou, no sec. XI a.C.
- **2** - A grande opção política de substituir a guerra pelo comércio internacional, com benefícios mútuos e uma primeira globalização, com respeito pelas outras culturas – que foi a primeira Rota da Seda iniciada no sec.II a.C.
- **3** – Zhou en Lai e a Conferência de Bandung, em 1955.

B - Vejamos alguns exemplos da tradição de *softpower* na política externa chinesa

- **1** - Foram os três primeiros líderes da Dinastia Zhou que marcaram o início desta forma de fazer política. O Rei WEN inicia uma série de acordos e alianças com várias tribos para derrubar a Dinastia SHANG. Concede-lhes novos estatutos políticos, culturais e comerciais. O seu sucessor WU derruba a Dinastia SHANG, mas em vez de aniquilá-la, concede à família real e à nobreza vários privilégios, garantindo-lhes a permanência dos seus títulos hereditários, autorizando que continuem a praticar as cerimónias de sacrifícios em honra dos seus antepassados, tornando-os, assim, parte integrante da nova Dinastia e pacificando as lutas internas que existiam no seio daquela Dinastia. Por morte de WU, o Duque de ZHOU, que lhe sucedeu, criou uma grande cidade, Luoyang, que concedeu à alta nobreza SHANG.
- A nova Dinastia estabelece-se no diálogo e na negociação, sem aniquilação física, como era tradição na altura.

C - Vejamos alguns exemplos da tradição de *softpower* na política externa chinesa

- **2** – a partir de 139 a.C. o Imperador WuDi procurou com os seus ministros encontrar uma solução para a dispendiosa situação resultante do estado de guerra permanente da China com seus vizinhos e resolve enviar o seu primeiro Embaixador a Bactria e Fergana e em 115 a.C. envia segundo com êxito. Aí estabeleceu alianças com diversas tribos nômadas e conseguiu substituir o estado de guerra por uma coexistência pacífica benéfica para todas as partes.
- Entrando, assim, pela primeira vez em contacto com outras culturas e civilizações, designadamente no âmbito da Pérsia, a China desenvolve toda uma nova política externa, em que substitui a guerra e o confronto pelo diálogo e pelo comércio em que todos encontram benefícios estáveis e em paz que na guerra nunca tinham alcançado. **É talvez a primeira globalização no multiculturalismo.**
- Naquelas grandes artérias que ligaram o Oriente até a Itália, longas caravanas reuniam homens de múltiplas línguas, culturas e religiões que abriram assim as portas à globalização.
- Mais tarde no sec. XIV, com Zheng He esta rota faz-se por mar. Nessa altura Portugal a partir do Ocidente e a China a partir do Oriente, iniciam novo aspeto da globalização sob a bandeira do multiculturalismo e duma rede comercial global, mas não duma rede imperial de *hardpower*.

D - Vejamos alguns exemplos da tradição de *softpower* na política externa chinesa

- **3** - Se dermos um salto até o sec. XX, 1955, vamos encontrar na Conferência de Bandung, nos seus famosos 5 princípios, plasmados os alicerces de toda a política externa chinesa até aos nossos dias. Recordo, quando comemorámos em 2005, os 50 anos de Bandung, o Prof. Adriano Moreira e eu no ISCSP, de aquele me ter dito: *se tivéssemos respeitado estes princípios não tínhamos tido guerras até hoje*. É interessante sublinhar que Bandung reuniu 29 países, que na altura representavam 61% da população mundial, mas somente 15% do rendimento mundial.
- Já nessa altura, certa direita reacionária, neste caso, agentes de Taiwan, tentaram assassinar Zhou en Lai, colocando uma bomba, no aeroporto de Hongkong, no avião em que supostamente seguia Zhou, só que ele tinha mudado de avião.
- É interessante ver como enquanto o nosso Embaixador em Washington, Esteves Fernandes, grande diplomata e profundo conhecedor da China, onde estivera vários anos, fez muito interessantes relatórios sobre Bandung para as Necessidades, outros como Vasco Vieira Garin, próximo de Salazar, nosso Ministro na Índia, referia Bandung nestes termos: *“representa qualquer coisa de monstruoso...o aparecimento dum Frankenstein de cor...destinado a flagelar a raça branca...e a amotinar a África” (sic)*.

Resumindo e concluindo

- A ignorância aliada a um certo primarismo direitista a atuar num clima de grande emotividade por parte de alguns responsáveis políticos ou irresponsáveis políticos, projetada numa massa popular em estado psíquico fragilizado, faz com que se repitam cenários semelhantes aos que referi, mas agora agravados pelas circunstâncias duma Pandemia.
- Urge, assim, que os meios académicos contribuam decisiva e publicamente para minimizar as faces mais catastróficas duma possível nova Ordem Mundial pós Pandemia.
- Neste momento de diabolização da China, por interesses políticos evidentes, aliados a uma emotividade ignorante, há que procurar repor as circunstâncias verdadeiras numa perspetiva racional.
- Infelizmente , a alguns historiadores falta, por vezes, capacidade de análise do paradigma atual e a alguns políticos e analistas da atualidade falta uma cultura histórica, que coloque os fenómenos atuais em perspetiva.